

O espaço da bebeteca na educação infantil pela percepção de educadoras

Flávia Brocchetto Ramos¹

Patricia Marchesini²

Rochele Rita Andreazza Maciel³

RESUMO

O artigo investiga experiências associadas à leitura em espaços escolares destinados à etapa creche, com base na escuta de atendentes e de professoras, para refletir acerca da bebeteca. O método caracteriza-se pela abordagem exploratória alicerçada em pesquisa empírica, e a construção dos dados faz-se por meio de grupos focais e de entrevista. Ambiências que acolhem livros e outros materiais dedicados aos pequenos é a categoria investigada. O entendimento das interlocutoras sobre a bebeteca, assim como suas concepções acerca deste ambiente são discutidos neste artigo. A reflexão aponta a bebeteca como espaço viável a bebês e crianças bem pequenas e para que a leitura literária esteja presente nesse nível de ensino. Assim, destaca-se a relevância da presença, nesses educandários, de um ambiente apropriado para os bebês e as crianças bem pequenas, tanto para armazenar como para disponibilizar materiais, de modo a oportunizar experiências de leitura.

PALAVRAS-CHAVE: Bebeteca; Leitura literária; Educação infantil.

¹ Dra. Letras. Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-1488-0534>. E-mail: ramos.fb@gmail.com.

² Mestre em Educação PPGEdu/UCS. Professora na Rede Municipal de Nova Prata - RS, Nova Prata, Rio Grande do Sul, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1947-6995>. E-mail: pati.marchesini91@gmail.com.

³ Dra. Educação. Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4524-399X>. E-mail: arramacie@ucs.br.

The space of the baby library in early childhood education as perceived by educators

ABSTRACT

The article investigates experiences associated with reading in nursery school spaces, based on listening to nursery attendants and teachers, in order to reflect on the baby library. The method is characterized by an exploratory approach based on empirical research, and the data was gathered through focus groups and interviews. The category investigated is environments that house books and other materials dedicated to children. The interlocutors' understanding of the baby library, as well as their conceptions of this environment, are discussed in this article. The reflection points to the baby library as a viable space for babies and very young children and for literary reading to be present at this level of education. This highlights the importance of having an appropriate environment for babies and very young children in these schools, both for storing and making materials available, in order to provide reading experiences.

KEYWORDS: Baby library; Literary reading; Early childhood education.

El espacio de la bebeteca en la educación infantil desde la perspectiva de los educadores

RESUMEN

El artículo indaga en experiencias asociadas a la lectura en espacios escolares destinados a la etapa guardería, a partir de la escucha de acompañantes y docentes, para reflexionar sobre el espacio de biblioteca para niños. El método se caracteriza por un enfoque exploratorio basado en la investigación empírica, y la construcción de datos se realiza a través de grupos focales y entrevistas. Los ambientes que albergan libros y otros materiales dedicados a los niños son la categoría investigada. En este artículo se analiza la comprensión que tienen los interlocutores de la bebeteca, así como sus concepciones sobre este entorno. La reflexión apunta a la biblioteca infantil como un espacio viable para que los bebés y niños muy pequeños y la lectura literaria estén presentes en este nivel educativo. De esta forma, se destaca la importancia de contar en estos centros educativos con un ambiente adecuado para los bebés y niños muy

pequeños, tanto para almacenar como para poner a disposición materiales, con el fin de proporcionar experiencias de lectura.

PALABRAS CLAVE: Biblioteca infantil; Lectura literária; Educación Infantil Temprana.

* * *

[...] desde que eu era muito pequena os livros me deram casa e comida. Foi assim: eu brincava de construtora, livro era tijolo; em pé, fazia parede, deitado, fazia degrau de escada; inclinado, encostava um no outro e fazia telhado. E quando a casinha ficava pronta eu me espremia lá dentro pra brincar de morar em livro. De casa em casa eu fui descobrindo o mundo (de tanto olhar pras paredes). Primeiro, olhando desenhos; depois, decifrando palavras. Fui crescendo; e derrubei telhados com a cabeça.
Lygia Bojunga

Introdução

Como são os espaços das escolas de Educação Infantil no Brasil, destinados aos bebês e às crianças? Há neles possibilidades de os pequenos construírem abrigos de imaginação e livros? A resposta a essa questão é diversa. Entendemos que estar em um ambiente adequado às necessidades das crianças, poderá auxiliá-las no estabelecimento de relações consigo mesmas e com o mundo. Por pesquisar a leitura literária em diferentes fases da vida, ocupamo-nos, neste artigo, de pensar um local que acolha crianças por meio da leitura a partir do entendimento de profissionais que trabalham na Educação Infantil. Acentua-se que “ler” literatura é a base para a humanização e, em se tratando de bebês, eles leem com todos os sentidos:

[...] leem o rosto de sua mãe para saberem se são amados ou se está triste, leem seu aroma, a voz do pai, o movimento das árvores, o funcionamento de seus brinquedos. Por meio da força da leitura, [...] as crianças entram no universo do significado e começam a pensar e interagir (Baptista; López; Júnior, 2016, p. 111-112).

A leitura, sublinhamos, carece de vínculo amoroso entre leitores maduros e iniciantes, jogos de linguagem e ludicidade. O contato lúdico da criança com a leitura favorece seu desenvolvimento, e todos os espaços de uma instituição infantil são locais de promoção de leitura. Entretanto, a existência de ambientes específicos para essa prática pode promovê-la de modo sistemático.

Em estudo sobre mediação cultural e humanização, Kupiec, Neitzel e Carvalho (2014) tratam dos espaços mediadores da arte e, aqui, trazemos a bebeteca com obras literárias. E por que literatura na Educação Infantil e na bebeteca? Entendemos que a linguagem literária contribui para a humanização, à medida que pode nos tornar mais compreensivos conosco e com o outro e, assim, abertos para a sociedade (Ramos, 2015, p. 23). Relações que tecemos com a literatura ensejam descobertas sobre o mundo, pois o:

[...] tema da Literatura é o ser humano e sua vida, suas relações com o Outro, seus conflitos, suas incertezas, seus medos. Em todos os momentos da vida, convivemos com dúvidas e, na infância, pelo intenso processo de adaptação que a criança sofre para se ajustar ao meio social onde vive, a interação com conflitos de personagens ficcionais é ainda mais significativa (Ramos, 2010, p. 21).

Se a matéria da literatura é a natureza humana – as nossas inquietudes, as nossas contradições –, desde cedo temos o direito de nos nutrir dessa fonte. Aliás, o texto literário impressiona também a primeira infância, “quando ocorre uma aproximação entre: (a) o modo de dizer (a estrutura do texto); (b) a temática veiculada; e (c) as inquietações do leitor ou ouvinte.” (Ramos, 2015, p. 23). Assim como nós, Petit (2024) se interessa pelos laços que tecemos, pela maneira como o mundo interior se compõe e se recompõe ao encontrarmos um texto, seja oral ou escrito. E esse texto pode ser apenas uma frase. Somos, pois, como argumenta a antropóloga, talvez antes de tudo, animais poéticos.

Desse modo, espaços organizados para a vivência poética da leitura literária por bebês e crianças bem pequenas compõem a qualidade dos serviços educativos ofertados na Educação Infantil. Isso porque o espaço configura-se como promotor de

vivências e de apropriações infantis, capaz de ampliar as possibilidades de aprendizagens e desenvolvimento (Maciel, Ramos, Galardini, 2021).

Ora, quando se fala em espaço de leitura, logo nos remetemos às bibliotecas. Porém, estudos sobre bibliotecas na Educação Infantil ainda são escassos, talvez pelo fato de esses espaços também serem restritos. Crianças de 0 a 3 anos e 11 meses não podem ser excluídas do universo da biblioteca, pois ali poderia se dar o contato com emoções importantes para bebês e crianças bem pequenas.

Tais questões serão tratadas com mais vagar na sequência, neste artigo, gerado a partir das vozes das interlocutoras (professoras e atendentes) que atuam em uma escola de Educação Infantil.

Fundamentação teórica

As bibliotecas tradicionais não são adequadas para as crianças da primeiríssima infância; logo, a criação de espaço apropriado aos usuários da Educação Infantil se impõe. Uma bebeteca configura-se como um espaço de livros para a primeira infância, e diversas são as atividades que nele podem ser realizadas. Definindo o termo, consiste em um

serviço de atendimento especial para crianças pequenas (de zero a seis anos) que inclui, além de um espaço e uma coleção de livros escolhidos para atender às necessidades das crianças mais novas e seus pais [...] (Escardó, 1999, p. 10).

A autora acrescenta que esse ambiente também oferta empréstimos, conversas periódicas sobre literatura e suas funções.

Hasper e Neitzel (2020) conceituam-na como um ambiente de leitura “[...] que prima pela autonomia das crianças e que, na sua organização, desperta o mesmo sentimento de alegria, [...], que impulse a criança a ter vontade de estar lá, nutrindo os sentidos pela experiência estética.” (2020, p. 74). Seria um espaço que proporciona à criança pequena interagir e se relacionar com as histórias que são disponibilizadas no local, como asseguram

Hasper e Neitzel. Ali podem ser vividas experiências com afeto, promovendo o imaginário e a criatividade, sendo a voz apenas um dos recursos utilizados.

As necessidades dos seus usuários orientam a organização de uma bebeteca, e o seu espaço “[...] é mais dinâmico e vivo que o da biblioteca tradicional e os livros são lúdicos e interativos, diferente dos livros utilizados pelos adultos ou pré-adolescentes. (...)” (Souza; Motoyama, 2014, p. 26). Esse ambiente promove a relação de afeto da criança com o livro, pois esse e outros itens que compõem o ambiente podem proporcionar vínculos pelo observar, escutar e compartilhar emoções. É possível, também, propiciar o contato das educadoras e das famílias desses sujeitos com a literatura.

As atividades da bebeteca, segundo Reyes (2008), privilegiam ações com os “livros sem páginas”, isto é, atividades que se assentam na tradição oral (canções populares, jogos corporais, cantigas de roda, etc.). Nesse ambiente, esperamos encontrar livros vivos (Ramos, 2010), ou seja, pessoas que narrem, que se coloquem como livros. Entretanto, o espaço deve conter também um acervo para os adultos com pequenas poesias e histórias, canções e parlendas, além de documentos sonoros e fantoches para serem utilizados nas atividades com os bebês e até obras que orientem a sua atuação como mediadores de leitura. Sob o viés de que é pensada e planejada arquitetonicamente para usuários específicos, a bebeteca convida a educar os sentidos pelas possibilidades ofertadas, sendo um ambiente de leitura que preza pela alegria e, ao mesmo tempo, pela autonomia dos pequenos.

Pelo exposto, uma bebeteca é um ambiente que pode explorar a leitura desde a mais tenra idade e oferece também outros recursos e intencionalidades. Local de afetividade, ludicidade que visa ao desenvolvimento integral das crianças. Tais pressupostos nos levam a refletir sobre como professoras e atendentes compreendem esse espaço na escola de Educação Infantil onde atuam.

Metodologia

Ancorada no estudo de caso, esta investigação qualitativa ateve-se a um fenômeno contemporâneo dentro do contexto da vida real. O fenômeno são as práticas de leitura em espaços escolares da Educação Infantil do município de Nova Prata-RS (Marchesini, 2021), e o caso foi analisado a partir de fontes de evidências que são entrevistas semiestruturadas com professoras e grupo focal com atendentes de creche⁴. A investigação foi aprovada por Comitê de Ética, de acordo com Parecer consubstanciado de número 4.395.245. A pesquisa matriz tinha como objetivo geral investigar processos educativos associados à leitura, tendo como cenário a Educação Infantil – etapa creche – no município de Nova Prata/RS. Com base nesta investigação, já foi apresentada a leitura na perspectiva de educadoras (RAMOS, MARCHESINI, MACIEL, 2023). Este artigo ocupou-se da concepção de bebeteca, a partir do material construído e tratado na dissertação, sendo, aqui, retextualizado.

A área física da escola contempla 1.211,00m², divididos em 5 blocos: administrativo, de serviço, pedagógico, multiuso e áreas externas. O ambiente pedagógico tem salas de aula dos berçários e dos maternais. Em 2021, acolhe 9 turmas - em torno de 170 crianças - que a frequentam com assiduidade: 2 turmas de berçário I, 2 turmas de berçário II, 2 turmas de maternal I e 3 turmas de maternal II.

Os sujeitos da pesquisa - 6 professoras e 13 atendentes de Educação Infantil – são todas do sexo feminino. As educadoras colaboraram com a pesquisa, por meio das entrevistas e grupos focais. Ao longo das discussões, são preservadas as suas identidades e nomeamos cada uma delas, utilizando as letras P (professores) e A (atendentes), seguidas de um número em ordem crescente para cada uma das colaboradoras. Aqui são contemplados posicionamentos das interlocutoras acerca da bebeteca.

⁴ Atendentes de creche são as profissionais que auxiliam os professores nas escolas de educação infantil do município. Para o cargo, é necessária a aprovação em concurso público.

Resultados e discussão

A discussão que segue aproxima a voz das interlocutoras e pressupostos teóricos. As educadoras foram indagadas e desafiadas a imaginar e descrever como seria o local ideal para a leitura, a partir de suas próprias concepções. A escola onde a pesquisa é desenvolvida, cabe pontuar, dispõe de espaço amplo, com ambientes essenciais para atender bebês e crianças bem pequenas. Entretanto, não possui bebeteca ou espaço específico para bebês e crianças interagirem com livros.

Momentos de leitura, no educandário, são proporcionados nas salas de referência ou em outros ambientes, como: praça interna, gramado da escola ou na biblioteca da escola. A biblioteca de que a instituição dispõe (Fig. 1) é para uso das educadoras, não sendo destinada aos pequenos. Apresenta armários fechados, e os livros estão dispostos, na maioria, em altura acessível apenas a pessoas adultas.

FIGURA 1: Acervo da biblioteca da escola.



Fonte: Arquivo das pesquisadoras (2021).

A imagem evidencia que a biblioteca não corresponde às necessidades infantis. Um dos pontos da conversa sobre a idealização de um ambiente de leitura citado pelas interlocutoras foi sobre ele ser convidativo à criança.

Consideraram relevante a visualidade, como foi evidenciado durante o grupo focal e as entrevistas nas falas que seguem:

P2 – Visualmente bem trabalhada, pra chamar a atenção da criança. O ambiente que convide à curiosidade.

P5 – Olha, eu acho que eu faria um espaço bem colorido.

A9 – Decorado, que chame a atenção deles para que eles se sintam bem naquele lugar.

A1 – Um ambiente colorido, aconchegante, né, que a criança se sentisse bem, ficasse bem confortável, né.

As profissionais sugerem ambiente colorido e aconchegante, formando uma decoração chamativa aos pequenos, sem esquecer do encanto. Essa ambientação dá-se por desenhos de personagens da literatura ou por imagens que lembrem a infância, como por exemplo, brinquedos reproduzidos. O visual do ambiente da bebeteca é um dado importante, de acordo com a empiria. A criança pequena é observadora e pode sentir-se atraída pelo espaço. Nesse sentido, Perrotti (2015) argumenta que:

Não se trata de “decorar”, de torná-lo “bonitinho”, “gracioso”. O cuidado estético tem a ver com outras e mais importantes dimensões da vida, como a criação de vínculos, de relações do sujeito com o ambiente, com a mobilização de emoções e sentimentos. (Perrotti, 2015, p. 134)

Sublinhamos que o ambiente não deve impor um padrão de imagem, como por exemplo, figuras de princesas ou outros heróis, extraídas de filmes. Uma Cinderela pode ser representada de muitas formas, incluindo, traços da cultura do local. Sob esse ponto de vista, pelo fato de a bebeteca auxiliar no desenvolvimento infantil, carece de espaço físico adequado para seu funcionamento. As singularidades da criança e o aspecto lúdico são integrantes desse cenário, de modo que o lugar deve acolher o usuário.

As tonalidades do ambiente são pensadas por Silva (2009), que recomenda paredes com cores diferentes das que compõem as salas de referência, com matizes claros e alegres, porém sem poluição visual; já a decoração deve ser agradável, pois o ambiente de leitura é dinâmico, não apenas um local de armazenamento de livros e de outros recursos.

Perrotti (2015) sugere que o espaço atenda às demandas das crianças, observando requisitos como iluminação, ventilação e acústica adequados. O ambiente requer claridade, janelas para garantir a circulação de ar e acústica que evite a entrada de ruídos externos e geração de ecos na fala dos frequentadores. Em instituições de Educação Infantil, pressupomos que, “[...] se o espaço for muito pequeno, pouco iluminado e não-acolhedor provavelmente vai gerar apatia, agressividade, nervosismo e uma sensação de incômodo nas crianças” (Bassedas; Huguet; Solé, 1999, p. 106). A meta é encantar os pequenos desde a entrada, com espaço físico convidativo e alegre, ao contrário de ambientes escuros, que restringem a locomoção da criança e não serão formadores de vínculos e de experiências acolhedoras.

O espaço físico, em síntese, atende às especificidades dos pequenos, observando a adequação dos objetos ao local, bem como com “[...] às finalidades que se destinam, aos sujeitos que os utilizarão, à harmonização do todo” (Perrotti, Pieruccini e Carnellosso, 2016, p. 21). Desse modo, há que ter cautela também com degraus, para que as crianças tenham acesso direto, sem elevações, evitando queda.

Partindo para as unidades que compõem o espaço físico, ao serem questionadas sobre quais seriam os itens colocados ali, a fim de constituir e tornar o ambiente completo, sugerem a presença de itens confortáveis:

P6 – Bom, primeiro eu colocava um tapete no chão, umas almofadas.

P3 – Então, seria um ambiente com almofadas [...]

P1 – [...] um tapete seria importante para eles sentarem, umas almofadas, algumas coisas que eles se sintam bem, sabe.

P2 – um tapete aconchegante, almofadas.

P5 – Faria assim, com puffs ou almofadas para que a criança pudesse sentar, ficar bem aconchegante.

A12 – Ah, eu colocaria almofadas para eles sentar no chão.

A4 – Tapetes, almofadas, tatames.

As participantes defendem o aconchego aos protagonistas e a quem os acompanha. O ato da leitura exige conforto, conforme explica Escardó i Bás: “[...] deve ser agradável, confortável, tanto para crianças e adultos que os acompanham, eles devem ser capazes de segurá-los no colo, abraçá-los enquanto eles contam histórias [...]” (1999, p. 9, tradução nossa). Para haver conforto, há que ajustar a mobília, tanto aos pequenos como aos adultos que vão atuar no ambiente.

No que diz respeito ao objeto cultural livro, o qual também é indispensável à bebeteca, ele fará sentido para as crianças se estiver ao alcance delas. Com brilho nos olhos e sorriso no rosto, P4 idealiza o espaço:

P4 - Daria para fazer uma pequena bibliotequinha para eles, sabe, com livros que pudessem ser só para eles, independente se possa estragar ou o que. Poderia ter almofadas, coisas de faz de conta que possa usar a imaginação deles, sabe. Eu acho que saindo da sala e indo a um lugar diferente também dá aquela coisa de: “Ahh, é diferente”, aquela curiosidade, olha, nós vamos na sala tal, sabe.

A participante vislumbra o espaço de leitura e o denomina afetuosamente como “biblitequinha”. De acordo com P4, nesse local, haveria encontros dos sujeitos com o imaginário, com o faz de conta, com a alegria, com o encanto. Essa concepção sinaliza que a organização física aconchegante possibilitaria o livre acesso dos usuários aos materiais e o conforto no momento da leitura, além de encontrar livros em locais que consigam tocar e fazer escolhas, com mobiliário adequado ao tamanho e às condições da criança.

Quando a participante menciona “livros que pudessem ser só para eles”, remetemos ao pressuposto de que os bebês e crianças bem pequenas

“[...] balançam, batem, manipulam, saboreiam tudo o que encontram pela frente” (Baptista; López; Júnior, 2016, p. 112). Dessa forma, promover o manuseio do livro e de outros materiais presentes no ambiente de leitura tende a favorecer a formação leitora do sujeito.

Sobre o acesso ao livro, P6 vai além ao descrever o local ideal para as práticas de leitura e fala, gesticulando com braços e mãos: “Eu imagino assim, tipo uma árvore sabe, com livros pendurados em cima, mas ao mesmo tempo que os livros fossem baixinhos para eles manusearem e livros espalhados, bem livre. [...]”. Diante disso, notamos que o ambiente idealizado é direcionado aos pequenos leitores, protagonistas do processo. Seja pelos livros espalhados, seja pelos livros pendurados, o acesso ao objeto pelos usuários é prioridade. Facchini (2009) explica:

Os livros devem estar ao alcance das crianças que ainda estão engatinhando, de modo que possam escolhê-los e apanhá-los. Pode-se classificá-los por sua temática abordada, pelas suas solicitações de interação, pelo material empregado e, inclusive, possibilidade, independentemente de manuseio. (Facchini, 2009, p. 15).

Desde cedo, almejamos o toque e o manuseio dos exemplares das crianças desde bem pequenininhas, de modo a promover a confiança durante o ato e depois nas escolhas futuras, independentemente da idade. O manuseio do livro é aprendido.

As mobílias do ambiente de leitura são valiosas. As professoras e atendentes foram convidadas a descrever acerca dos elementos que comporiam esse espaço:

P3 – Eu teria um baú, uma caixa, algo que eles possam explorar livremente os livrinhos. Pensando pelo contato visual, de manipular o livro, seria para que as crianças tivessem esse contato de manusear, folhear esse material. [...] podia ser também fantoches, poderia ter fantasias.

P2 – Vai ter prateleirinha dos livros, a estante dos livros, [...]. Estantes na altura das crianças, móveis na altura da criança, que ela possa abrir, mexer, explorar os livros. Ficariam livres, essa sala de leitura seria um momento livre para eles explorarem.

A2 – [...] tivesse todo espaço para eles sentarem e explorar os livros, livres. A gente até podia contar a historinha, mas deixar eles à vontade.

Ao idealizar uma bebeteca, o acervo é organizado de modo que as crianças possam escolher o livro de modo autônomo, o que tornará o momento mais agradável. Baptista, López e Júnior (2016) afirmam: “[...] presença de estantes e de prateleiras baixas é condição para que os leitores infantis tenham livre acesso aos volumes, podendo escolher o livro que mais lhes agrada [...]” (p. 110).

Facchini (2009) também orienta ser preciso considerar a capacidade de força dos bebês ao afirmar:

[...] o mobiliário deve ser forte para aguentar a sua energia e leve para que, na eventualidade de acidentes, eles não se firam com gravidade. Todos os materiais postos à disposição das crianças devem atender ao quesito segurança (p. 15).

À vista disso, a segurança do ambiente necessita ser observada pelo fato de que os bebês e as crianças bem pequenas ainda não compreendem os riscos que algumas ações podem acarretar. Dessa forma, aconselha-se que o mobiliário possua cantos arredondados ou que seja adaptado com um material que não cause lesões, como cantos de silicone ou emborrachados.

Sendo a bebeteca espaço destinado ao desenvolvimento infantil, a primeira infância seria deixada à vontade para explorarem os materiais disponibilizados, tendo acesso a diversas sensações, como explicam Souza e Motoyama (2016):

[...] a bebeteca deve ser multifuncional e, além de oferecer os mais variados tipos de livros, ter espaços para outras atividades nas quais os pequenos entrem em contato com a literatura com

diferentes estímulos sensoriais como a contação de histórias, o manuseio de fantoches, tapeçarias que narram histórias, leitura em voz alta, dentre outras práticas [...] (p. 29).

São bem-vindos itens que instigam a imaginação e a criatividade das crianças, conforme relato das educadoras:

P1 – Eu faria algo que esteja ao alcance deles, um móvel que esteja no alcance deles. Faria um desenho tipo uma árvore com galhos com coisas que tenham ali livros né, expostos. E não colocaria só livros, colocaria outros objetos né: bichos de pelúcia ou outras coisas que eles podem criar as histórias, não só ter os livros, mas criar.

A10 – Eu acho que seria interessante também a gente fazer tipo um lugar para fazer os fantoches, [...].

P5 – [...] E aí, eu acho que eu faria tipo a mobília baixa, na altura deles para que eles entrassem, tipo assim, se fosse um dia, por exemplo, livre, cada um entrasse e pudesse escolher o seu fantoche ou o seu livrinho. [...] Livros, eu acho que também fantoches.

Ao apontarem itens para compor o ambiente de leitura, as interlocutoras não citam somente livros, mas outros elementos que remetem às histórias e à imaginação, que também são bem-vindos na bebeteca. Diante disso, Souza e Motoyama (2014) defendem o espaço lúdico que promova a criatividade. Nas palavras das autoras, no que se refere ao ludismo,

[...] os livros podem ser expostos de diversas formas como em cestas, baús, em cantos decorados de acordo com o gênero textual ou a temática da obra, podem estar dispostos com fantoches e em locais inusitados como tapetes com almofadas e outras formas de organização que sejam acolhedoras e que possibilitem mobilidade, escolha e conforto aos que buscam a leitura. (Souza; Motoyama, 2016, p. 163).

O modo de acolher os usuários no espaço de leitura prioriza o protagonista no manuseio e no descobrimento/reconhecimento dos materiais ali presentes. Os diversos itens que farão parte do ambiente, sejam livros, fantoches, almofadas, baús, objetivam acolher o pequeno leitor e, ao mesmo tempo, possibilitar mobilidade e autonomia. O ambiente, destacamos, não tem a intenção de alfabetizar ou de fazer com que as crianças decodifiquem palavras mais depressa. Não se trata de usar o livro como ferramenta para ensinar algo, mas de ajudar bebês e crianças a vivenciarem a leitura como gesto prazeroso, por intermédio do lúdico.

Em consonância com as descrições, o ambiente idealizado remete a um lugar vivo, lúdico, iluminado e com recursos à disposição. A caracterização da bebeteca como local de encontro e de promoção da leitura, seja por meio das mediações de um adulto ou de manuseio de livros portadores de histórias, é tida como uma oportunidade, almejando a necessidade de se reconhecer a leitura para a criança pequena como uma atividade de aprendizagem que contribui para o seu desenvolvimento integral.

Além da criança, protagonista do ambiente, levamos em consideração os seus acompanhantes, os quais proporcionam colos e abraços enquanto são contadas ou lidas histórias. Dito isso, a bebeteca é “[...] um espaço de paz, onde se encontram vínculos afetivos por meio dos contos, e no qual a leitura é olhar, ouvir, compartilhar” (Escardo I Bas, 1999, p. 10).

Como nos primeiros anos de vida as crianças estão em processo de aquisição da linguagem e não acessam o código escrito, esses sujeitos podem ter contato com diferentes estímulos sensoriais, como recursos para a contação de histórias pelo mediador, entre outros enredos.

Considerações finais

Bebês e crianças bem pequenas, além de terem direito a livros de qualidade, necessitam, reiteramos, de ambiente apropriado para experimentar a leitura através dos sentidos, bem como de adultos sensíveis

às demandas dos usuários e da literatura, de modo a criar condições para que o encontro, ou seja, a leitura literária, se efetive desde a creche.

O ambiente da bebeteca é adequado tanto para armazenar como para disponibilizar livros e outros materiais relacionados à experiência de leitura. Requer atenção no que diz respeito à segurança, mobilidade, acústica, conforto térmico, claridade e ventilação. Então, a instalação de luzes que permitem boa visibilidade e aberturas de janelas são primordiais para que a criança não crie apatia pelo ambiente, mas seja atraída pelo espaço. No chão, tapetes e tatames para que os bebês possam engatinhar e as crianças possam sentar-se para vivenciar a leitura e/ou ouvir uma contação de histórias são itens considerados. Quanto às almofadas, sugere-se observar, além da cor, o tecido e, ainda, a ausência de elementos como botões, que podem ser arrancados e gerar acidentes.

O acervo de livros da escola contempla obras para crianças pequenas, porém todas podem ser manuseadas pelos adultos. Sabendo que os frequentadores da bebeteca serão bebês que ainda não caminham, crianças pequenas, além de adultos, o acervo deve ser variado - livros de papel; de banho; de pano; de espuma; de papel acartonado; brinquedos. Como os bebês mordem, lambem, manuseiam a seu jeito, algumas obras podem ser danificadas. Então, a creche é organizada para efetuar reposições no acervo. Livros se gastam, se estragam pelo uso! Os preferidos dos bebês serão, possivelmente, os mais mordidos.

Pensar em ambiente destinado à leitura, em bebetecas, implica, pois, valorizar o livro como objeto cultural que ensina pelo viés da ludicidade, por meio do qual a criança explora o jogo das construções simbólicas que oportunizam seu desenvolvimento integral, sensível e inteligível. No que diz respeito ao mobiliário, são sugeridas prateleiras e estantes baixas para que as crianças possam realizar suas escolhas. Para os bebês, são preferíveis caixas de madeira resistentes, porém forradas com espuma, visto que cantos vivos podem machucá-los. Desse modo, livros ficariam disponíveis aos pequenos, fazendo jus ao espaço deles. Outros objetos que remetem à ficção podem fazer parte da bebeteca, como os fantoches e tais materiais seriam reunidos e guardados em prateleiras ou baús, ficando disponíveis aos usuários.

Como adultos acompanham os pequenos e podem aprender a fazer mediações culturais, o espaço pode conter itens para pais e professores manusearem. Profissionais qualificados no tocante à natureza do acervo e das necessidades dos pequenos constituem a meta de uma escola, de uma bebeteca. Educadores que compreendam a natureza do texto artístico são, assim, os profissionais esperados nesses espaços, de modo que a arte não seja didatizada. A literatura, lembramos, é simbólica e abre portas, constrói pontes para todos, inclusive para bebês e crianças pequenas.

Pelo cruzamento de interlocutores teóricos e empíricos, entendemos que a bebeteca seria um espaço promotor de leitura amigável para bebês e crianças bem pequenas. Os benefícios dela advindos ampliam horizontes dentro da instituição de Educação Infantil pelo fato de atingir aspectos cognitivos e afetivos da criança. Para que ela seja implantada em uma creche, há a necessidade de investimento da mantenedora, seja na preparação do espaço, dos profissionais que ali atuarão, bem como na reposição do acervo. Nossas interlocutoras, recordamos, demonstram desejo de promover a leitura num ambiente planejado e organizado para tal ação.

Referências

- BAPTISTA, M. C.; LÓPEZ, M. E.; JÚNIOR, J. S. A. Bebetecas nas Instituições de Educação Infantil: Espaços do Livro e da Leitura para Crianças Menores de Seis Anos. *Educação em Foco*, v. 19, n. 29, p. 107-123, set./dez. 2016. DOI: <https://doi.org/10.24934/eef.v19i29.1881>.
- BASSEDAS, E.; HUGUET, T.; SOLÉ, I. *Aprender e ensinar na educação infantil*. Porto Alegre: ARTMED, 1999.
- BOJUNGA, L. *Livro: um encontro com Lygia Bojunga Nunes*. Rio de Janeiro: Agir, 1988.
- ESCARDÓ I BÁS, M. Bebetecas. Educación y biblioteca. *Associação de Educação e Bibliotecas de Tilde*. Espanha, n. 100, p. 8-10, 1999. Disponível em: https://gredos.usal.es/bitstream/handle/10366/115400/EB11_N100_P8-10.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 15 dez. 2024.

FACCHINI, L. Bebeteca: mediação pedagógica e animação cultural. *Protestantismo em Revista*. São Leopoldo, Rio Grande do Sul, v. 20, p. 11-19, set./dez. 2009. DOI: <http://dx.doi.org/10.22351/nepp.v20i0.2000>.

HASPER, F.; NEITZEL, A. O espaço da bebeteca nos Centros de Educação Infantil: modos de ver e de sentir a literatura. In: URIARTE, Mônica Zewe; NEITZEL, Adair de Aguiar; KRAMES, Ilisabet Pradi (org.). *Cultura, escola e educação criadora: mediações culturais e proposições estéticas*. Curitiba: CRV, 2020. p. 69-92.

KUPIEC, A.; NEITZEL, A., CARVALHO, C. A mediação cultural e o processo de humanização do homem. *Antares: Letras e Humanidades*. vol.6, nº11, jan-jun. 2014. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/2565/1669>. Acesso em: 15 mar. 2024.

MACIEL, Rochele Rita Andreazza; RAMOS, Flávia Brocchetto; GALARDINI, Anna Lia. Qualidade em serviços educacionais italianos / Quality in italian education services. *CONJECTURA: Filosofia e Educação*, [S. l.], v. 25, p. 20–51, 2021. Disponível em: <https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/8220>. Acesso em: 22 ago. 2025. DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21784612.v25.e020041>.

MARCHESINI, Patricia. *Práticas e ambiências de leitura: reflexões a partir de escola de educação infantil em Nova Prata*. 2021. 141 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2021. Disponível em <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/9505>.

MINOZZO, Luís César. Proposta de procedimento metodológico para o ensino de ciências com o uso de tecnologias da informação e da comunicação. 2015. 116 f. Dissertação (Mestrado em Ciências e Matemática) – Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2015.

MOTOYAMA, Juliane Francischeti Martins; SOUZA, Renata Junqueira de. Bebeteca: espaço e ações para formar o leitor. *Brazilian Journal of Information Studies: Research Trends*. v. 10, n. 3, p. 25-31, dez. 2016.

PERROTTI, E. A organização dos espaços de leitura na educação infantil. In: BRASIL. Ministério da Educação. *Literatura na Educação infantil: acervos, espaços e mediações*. Brasília: MEC, 2015, p. 129-144. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/files/uploads/LEPI/Lit-EI-acervos-espacos-mediacoas.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2020.

PERROTTI, E.; PIERUCCINI, I.; CARNELOSSO, R. M. G. Os espaços do livro nas instituições de educação infantil. In: *Livros infantis: acervos, espaços e mediações*. 1ed. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica, 2016, v. 8, p. 111-150.

PETIT, M. Somos quizá ante todo animales poéticos. *CONJECTURA: filosofia e educação*, [S. l.], v. 29, n. 1, p. e024001, 2024. Disponível em: <https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/11727>. Acesso em: 6 out. 2024.

RAMOS, Flávia Brocchetto. *Literatura infantil: de ponto a ponto*. Curitiba: CRV, 2010.

RAMOS, Flávia Brocchetto. Por que Literatura. In.: RAMOS, Flávia Brocchetto; PANOZZO, Neiva S. P. *Mergulhos de leitura: a compreensão leitora da literatura infantil*. Caxias do Sul: EDUCS, 2015. Disponível em https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/mergulhos_ebook.pdf. Acesso 6 out. 2024.

RAMOS, Flávia Brocchetto; MARCHESINI, Patricia; MACIEL, Rochele Rita Andreazza. Leitura na perspectiva de educadoras que atuam na educação infantil em Nova Prata. *Perspectiva*, [S. l.], v. 41, n. 1, p. 1–18, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/86370>. Acesso em: 23 ago. 2025. DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-795X.2023.e86370>.

REYES, Y. La biblioteca para los que “non saben leer”: acceso a libros y lecturas em la primera infância. In: BONILLA, E. *et al.* (Org.) *Biblioteca y escuelas: retos y desafíos em la sociedad del conocimiento*. Barcelona: Editorial Océano, 2008. p. 209-238.

SILVA, R. J. Biblioteca escolar: organização e funcionamento. In: SOUZA, R. J. (org.). *Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação*. Campinas: Mercado das Letras, 2009. p.115-145.

SOUZA, R. J.; MOTOYAMA, J. F. M. A formação de leitores literários: o espaço como mediador. *Raído*, Dourados, v. 8, n. 17, p. 155-169, jul./dez. 2014.

Recebido em abril de 2025.

Aprovado em setembro de 2025.